

## Texto e polissemia

*Maria Antónia Coutinho*

**Abstract:** According to Rastier and Bronckart, we are considering that the global dimension regulates the local one. This assumption stresses the need for taking into account a top-down methodological approach to text analysis. Besides, we have to consider to what extent this approach would be relevant for the (re)definition of some linguistic notions. Thus, in this paper, we aim at checking the function of the supra-ordered levels - activities, genres and texts - regarding the understanding of the issue under analysis - polysemy. First, we will briefly present some of the theoretical aspects that support the point of view we want to assume. Secondly, we will focus on text analysis.

Na sequência de autores como Bronckart e Rastier, assume-se neste trabalho que "o global determina o local" (Rastier, 2001: 13). Nesse sentido, e ao contrário da prática (predominantemente) instalada, que descreve o modo como unidades menores se constituem em frases e como estas formam textos, privilegia-se neste caso uma orientação metodológica descendente (que não invalida a conveniência de articular as duas perspectivas numa abordagem articulada e dialéctica). Assim, se cada texto empírico é determinado pela formatação própria do género de que releva, a escolha (consciente ou não) desse mesmo género depende da actividade (ou discurso) de que depende e da cultura em que se integra. Em

última análise, e é o ponto que sobretudo nos interessa, dir-se-á que os recursos linguísticos mobilizados num determinado texto dependem dos níveis supra-ordenados – cultura(s) e actividade(s) envolvida(s), por um lado, género de texto convocado e texto empírico (do ponto de vista da produção ou da interpretação). É portanto nesta perspectiva que a questão da polissemia será aqui (re)pensada – tal como pretende esquematizar a Figura 1. Embora, por comodidade de representação, a cultura pareça dominar os outros planos considerados, importa sublinhar o carácter transversal associado à dimensão cultural – de que participam actividades, géneros e textos,

mas também as próprias unidades linguísticas<sup>1</sup>.

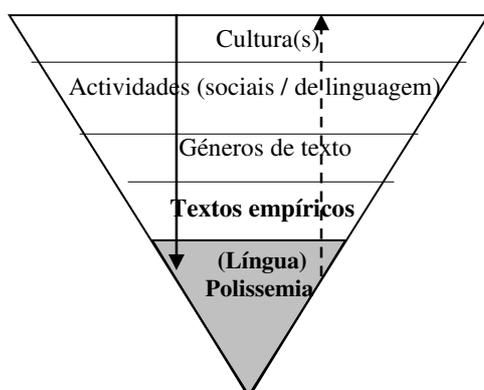


Figura 1

O aspecto que interessa evidenciar, na presente contribuição, não se prende em primeiro lugar com essa pré-determinação cultural das unidades linguísticas, mas sim com **a re-elaboração de que são objecto em situação de uso**. Várias são as contribuições teóricas, mais ou menos recentes, que enfatizam esse ponto de vista. Não havendo aqui espaço para todo o percurso que seria pertinente, fica no entanto assinalado o lugar que essa questão ocupava no pensamento saussuriano, tal como o podemos hoje re-conhecer. Se a concepção diferencial do signo não constitui, em si mesma, novidade, pode ainda assim sublinhar-se

<sup>1</sup> Culioli evidenciou esse facto, ao relacionar unidades lexicais e noções – as primeiras constituindo “portas de entrada” para as segundas, por sua vez definidas como “sistemas de representações complexas de propriedades físico-culturais” (cf. Culioli, 1990: 50). Agradeço a Manuel Luís Costa a observação sobre este aspecto.

a radicalidade desse ponto de vista, no que diz respeito à suposta estabilidade do sistema: "Comme il n'y a aucune *unité* (de quelque ordre et de quelque nature que l'on imagine) qui repose sur autre chose que sur des *différences*, en réalité l'unité est toujours imaginaire, la différence seule existe." (Saussure, 2002: 83). O destaque evidente atribuído aos valores diferenciais (em detrimento, como atrás se disse, da suposta estabilidade da unidade) aparece inequivocamente associado ao facto de eles se estabelecerem, em primeiro lugar, nas interrelações de ordem textual:

Avant out on ne doit pas se départir de ce principe que **la valeur d'une forme est tout entière dans le texte où on la puise**, c'est-à-dire dans l'ensemble des circonstances morphologiques, phonétiques, orthographiques, qui l'entourent et l'éclairent. (Saussure 1972 : 351))

Dans chaque signe existant vient donc **S'INTÉGRER**, se postélaborer une valeur déterminée [ ] qui n'est jamais déterminée que par l'ensemble des signes présents ou absents au même moment; et, comme le nombre et l'aspect réciproque de ces signes changent de moment en moment d'une manière infinie, **le résultat de cette activité, pour chaque signe, et pour l'ensemble, change aussi de moment en moment dans une mesure non calculable.**"

Saussure, 2002: 88 (sublinhado meu)

Esta percepção de um sistema complexo (irreduzível a um percurso pré-determinado e/ou previsível) só pode sustentar-se numa concepção textual da língua – a compreender, por um lado, em termos radicalmente contrários àqueles ("a língua em si mesma e por si mesma") que os editores do *Cours de Linguistique Générale* escolheram para fecho; e a compreender, complementarmente, na aceção de *texto* atrás brevemente esboçada – e que importa agora retomar. Irreduzível a uma descrição formal – ou estritamente linguística, se preferirmos – a concepção de texto aqui assumida enquadra-se fundamentalmente na perspectiva do interaccionismo sociodiscursivo<sup>2</sup>: os textos, entendidos como unidades comunicativas globais, constituem representantes empíricos das actividades sociais em que tomam forma, pelo que cada texto singular constitui um recorte no âmbito da actividade em causa, constituindo-se como uma acção, individual ou conjunta. Os textos aparecem assim inevitavelmente dotados de uma dimensão praxiológica – que as tarefas de descrição e análise linguística terão

de poder tomar em consideração. Sem aprofundarmos aqui essa discussão, interessa sublinhar a tendência para alguma consensualidade, relativamente a esse mesmo ponto de vista – particularmente, em autores que se podem considerar associados ao que François Rastier designa como o paradigma retorico-hermenêutico (por oposição ao paradigma logico-gramatical). Veja-se como Cadiot e Visetti parecem situar-se na mesma linha de pensamento:

[une conception] qui fait du langage une activité interprétative relevant de normes, de pratiques sociales, en même temps que de genres de discours, et toujours engagée dans un cours d'action qui l'encadre et la finalise. Dans cette deuxième conception, l'activité de langage comme réalisation d'une intentionnalité ne semble trouver son sens que dans le cours d'action où elle prend place, et on peut douter qu'elle puisse être caractérisée a priori. (Cadiot & Visetti 2001:166)

E veja-se ainda o ponto de vista do próprio François Rastier, formulado em termos radicais: “Le sens est fait de différences perçues et qualifiées dans des pratiques. **C'est une propriété des textes et non des signes isolés** (qui n'ont pas d'existence empirique).” (Rastier 2008, sublinhado meu).

---

<sup>2</sup> Sobre o quadro teórico e epistemológico do interaccionismo sociodiscursivo poderá consultar-se Bronckart 1997

Sem qualquer pretensão de exaustividade, como será evidente, as perspectivas que acabam de ser apontadas permitem-nos regressar ao tópico em análise – a polissemia. Se toda a produção linguística depende da actividade em que se insere, assumiremos aqui que o funcionamento dito polissémico aparece uma consequência dessa mesma determinação. Assim, se (i) parece absurdo, isso não acontece por impossibilidade sintáctico-semântica (de atribuição da propriedade [ser] *redondo* à expressão que ocupa a posição sintáctica de sujeito) mas por ausência de actividade prática a que essa formulação estaria (hipoteticamente) associada – o que já acontece em (ii), exemplo atestado, em que a actividade publicitária (ou comercial-publicitária) se socorre da actividade enológica.

(i) O sumo / A água é **redondo(a)**

(ii) **Vinho Adega Do Vale Cabernet Sauvignon 750ml**



Adega do Vale Cabernet Sauvignon. Vinho elaborado a partir de uvas viníferas da variedade Cabernet Sauvignon, cultivadas no Vale do Rio São Francisco. O Adega do Vale é um vinho moderno com boa intensidade, aromas de frutas vermelhas e notas de

especiarias doces. **Na boca é redondo**, fresco e com taninos delicados. Um vinho equilibrado e bastante agradável ao final.

Cf.

<http://br.geocities.com/cestasrn/vinhos.html>

Poder-se-á dizer que a ocorrência em (ii) constitui um caso muito específico, no âmbito, precisamente, da actividade enológica. Mas também ninguém se confundirá sobre a interpretação que convém a *redondo*, em *O preço justo e os números redondos* – título de um artigo de opinião de José Vítor Malheiros, publicado no Público a 22 de Janeiro de 2008. Ainda que a leitura do artigo (reproduzido parcialmente, em anexo) pudesse suscitar uma análise mais detalhada, ou confirmar a que aqui brevemente sugerimos, o título parece já por si suficiente para avaliar a evidência da interpretação que convém a *números redondos* (e que não se confunde, por certo, com *botões redondos*, por exemplo). Se a possibilidade de antecipar sentidos através do título está certamente relacionada com a experiência de textos (de forma mais específica, textos de opinião, no âmbito da actividade jornalística), a inequívoca interpretação de *números redondos* decorre, por sua vez, da prática, mais ou menos informal, de “negociação”.

Em conclusão, diremos que a plasticidade da língua – descrita em termos de *polissemia* ou formalizada como *forma esquemática* (cf. Correia, neste mesmo Caderno) – é função da actividade que a solicita e constitui. Por outras palavras: “Le sens n’étant pas immanent au texte, mais à ses pratiques d’interprétation, il doit être rapporté à elles.” (Rastier 2001:118)

### Referências bibliográficas

Bronckart, J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé

Cadiot, P. & Visetti, Y.-M. 2001. *Pour une théorie des formes sémantiques ; motifs, profils, thèmes*. Paris. P.U.F

Culioli, A. 1990. *Pour une linguistique de l'énonciation*, Tome 1. Paris : Ophrys

Rastier, F. 2001. *Arts et sciences du texte*. Paris: P.U.F.

Rastier, F. 2008. Entretien sur les théories du Signe et du sens – Réponses À Peer Bundgaard. In *Texto!*, Agosto 2008, vol XIII, nº3, [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/1735/bundgaard\\_d\\_rastier.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/1735/bundgaard_d_rastier.pdf) (consultado a 9 de Dezembro de 2008)

Saussure, F. de. 2002. *Ecrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard (eds. Simon Bouquet et R. Engler).

Saussure, F. de 1972. *Cours de linguistique générale* (d’après Charles Bally et Louis

Sechehaye), éd. Tullio De Mauro. Paris : Payot.

### Anexo

*O preço justo e os números redondos*, artigo de opinião de José Vítor Malheiros, Público, 2008/01/22 (versão da Newsletter – Opinião, 2008/01/22):

Nos Estados Unidos ninguém se queixa por pagar 2,91 dólares por um café e um bolo. O café aonde vou todas as manhãs aumentou o preço da bica de cinquenta cêntimos para cinquenta e cinco. "Porque é que aumentaram?", perguntei no balcão. "É para apoiar a inflação?" "São só cinco cêntimos...", respondeu-me o empregado com a careta "só pessoas muito forretas é que fazem estas perguntas". "São dez por cento. É para tentar ultrapassar o objectivo de inflação do Governo?". "Sabe como é... princípio do ano". "Mas não é obrigatório aumentar no início do ano e muito menos dez por cento". "Não podia ser menos..." "Podia. Podia ser um cêntimo, que era dois por cento (mais perto da inflação estimada) ou dois cêntimos, que já estava acima da inflação". "É para **ser redondo...**", respondeu-me o empregado, com o ar inquieto de quem percebeu a minha disponibilidade para continuar a conversa por mais dez minutos. "Mas se a preocupação era **ser redondo** podiam ter deixado os 50 cêntimos. Uma moeda de cinquenta cêntimos mais uma de cinco é **tão redondo como** uma moeda de cinquenta cêntimos mais uma de um". O empregado já não ouviu a minha argumentação porque teve de ir assistir um mil-folhas que estava sozinho numa bandeja e pô-lo ao pé de uns pastéis de nata. Pus **duas moedas redondas** sobre o balcão e saí. (...)"